

Cruzada contra a impunidade

Comece a luta dentro de sua casa. Chame as suas filhas, os seus filhos, tôda a família, para uma conversa, e diga-lhes que não esperem muito senão de si mesmos. Que a impunidade é a resposta que nesta terra se dá a tantos crimes contra a vida, contra a honra, contra o patrimônio. Mata-se no Rio de Janeiro, em um mês, duas vêzes mais que em Londres, em um ano. A vida de um ser humano, na Capital brasileira, é a única mercadoria deflacionária: vale apenas um pedaço de chumbo. Os bandidos cortam a barriga de um pobre chefe de família que volta para casa, roubam-lhe os embrulhos, e, sorrindo, deixam o infeliz estirado numa poça de sangue. Casais são assaltados e levam tiros no rosto. A violência, o latrocínio, a morte fria campeiam impunemente pela cidade — e não se vê uma atitude decisiva, um grito de advertência, como se estivéssemos acostumados a isto, como se tudo fôsse natural. A impunidade forja os maus exemplos. Novos bandidos

surgem. Novas quadrilhas de marginais se formam — e a impunidade continua. O Chefe-de-Polícia pode fazer justiça, fazer limpeza, livrar a cidade de assassinos irrecuperáveis — mas, apenas os assassinos que vieram dos morros, que vieram da sarjeta, que vieram do SAM desaparecem. Os abastados ficam.

Os mocinhos, filhos de pais ricos, que se divertem com a honra das meninas inexperientes, que se valem do dinheiro dos pais, do dinheiro que lhes dará a impunidade quando se tornar necessário. (E quase nunca se torna necessário, a não ser quando as coisas se agravam, como no caso Aída Cúri.)

Dedicamos esta reportagem, primeiro às mocinhas, mesmo às mais sensatas, lembrando que a virtude precisa ser protegida. Depois, aos pais de família, para que conheçam os perigos que as suas filhas (e os seus filhos) correm todos os dias, tôdas as noites, nesta cidade. Ao Presidente da República, que, afinal, também tem filhas, e sabe o que isto representa. Finalmente, aos juízes íntegros, para que não deixem impunes tais crimes, a fim de que, exausto, cada pai de família atingido não venha a fazer justiça com as suas próprias mãos.

Embora pareça incrível, o autor desta reportagem a escreveu baseado em acontecimentos de cunho real, colhidos no próprio seio da juventude delinqüente de nossos dias. Conversou, durante alguns meses, com elementos do próprio Sindicato da Curra, como êles, orgulhosamente, se denominam. Alguns, aposentados. Outros, na ativa. O curioso é que todos êles, quando lhes perguntávamos: “— E se isto acontecesse à sua irmã?” — fechavam o rosto, endureciam os olhos e diziam que matariam o desgraçado que ousasse. Para a documentação fotográfica, valemo-nos de um jovem, não transviado como êles, porém que os conhecia de perto. A êsse profissional, cujo nome, por motivos óbvios, para não dividir os riscos, omitimos, a êsse fotógrafo, os transviados pediram que documentasse os lances de uma verda-

deira “curra”. A idéia surgiu dos próprios membros do Sindicato da Curra, “a fim de se tornarem famosos”. E advertiram: “Mas não cenas de araque, como dessas reportagens com uns tipos que não são de nada”. Portanto, não é uma reconstituição. Seus personagens são reais e tudo o que estas fotos representam é, absolutamente, dolorosamente, vergonhosamente, real.

Os transviados se jactavam das cenas mais deprimentes, e que ainda não foram reproduzidas pela imprensa. Um dos seus argumentos: muitas mocinhas os procuram, nos chamados “pontos”, para as chamadas “curras”. Como foram iniciadas? Inúmeros processos são empregados, além dos convites simples, do namôro livre, da liberdade excessiva. Um dos sistemas é a compra de revistas condenáveis e clandestinas e a exibição das mesmas à môça que se pretende currear. Vem, a princípio, a revolta. A curiosidade acaba vencendo. A primeira viagem de lambreta. Os amigos surgem. Há uma simulação de briga. O próprio namorado apanha. Mas, finalmente, todos a possuem. Voltando para casa, a môça esconde, de vergonda, tudo que lhe aconteceu. Depois, acaba voltando.

Para determinados esconderijos da Ilha do Governador convergem os transviados da Zona Sul — seja do Lido, da Gávea, e mesmo alguns da Zona Norte, da Tijuca, da Penha. Para êsses locais desprovidos de luz e moradias, sem policiamento ostensivo e sem vigilância particular, afastados do centro urbano, levam meninas de 15 anos, até de menos. Quando o Curador de Menores, Eudoro Magalhães, recebeu a denúncia, era tarde demais. Mesmo assim, acreditando que uma “reportagem verdadeira” pudesse ser uma “reportagem de defesa”, os membros do Sindicato da Curra pediram êste documentário: “Não é verdade que matamos. Há muita fantasia em tudo isto”. A môça levada pela primeira vez é subjugada para que tenha início a selvajaria na Capital da República. Depois, os heróis vão fumar dólares de maconha.

Os transviados se reúnem quase que diàriamente, à noite, no sopé dêste morro. Rapazes desajustados, jovens delinqüentes, todos de boas famílias, e meninas pervertidas. Fácilmente se poderá saber onde fica o local das "curras". (O fotógrafo, utilizado por suas ligações com os transviados, seguiu na garupa de uma lambreta.) Sabe-se que o mesmo está localizado num "morro da caixa-d'água velha". O covil possui uma cama "tôska, um velho colchão e algumas velas para iluminá-lo, uma pequena prateleira com garrafas de guaraná, uma porta sem cadeado. Do lado de fora, no platô, após se banquetear com a menina, o cigarro de maconha é a sobremesa. Se a menina resiste, pode até ser morta. Como poderá ser, amanhã, a vossa filha.